

# **EM VISTA DO REINO DE DEUS, AS RELIGIÕES TEM QUE SE ENTENDER E SE ALIAR**

SEM DIALOGAR, ENTENDER-SEE ALIAR-SE COM AS OUTRAS RELIGIÕES, O CRISTIANISMO NÃO TERIA SENTIDO, POIS TODAS AS RELIGIÕES SÃO CHAMADAS A REALIZAREM JUNTAS O REINO DE DEUS NESTA TERRA. UM BREVEESTUDODO CONHECIMENTO HUMANO E DAS CHANCES DE

ENTENDIMENTO QUE PODE CRIAR ENTREÀS RELIGIÕES.

Esclareço logo que aliar-senão é sincretizar-se. Duas realidades que se aliam realizam um conjunto que é maior do que a soma de suas partes, como se as duas se fossem multiplicadas em vez que somadas. Muito diverso é, porém, o conceito de sincretizar-se. No caso as duas coisas nem se multiplicam nem se somam, pelo contrário elas se reduzem a uma só, com possível desgosto de pelo menos um dos lados interessados. Vejamos, por exemplo, a sorte que, no âmbito das religiões afro-brasileiras, tocou à Nossa Senhora da Conceição Imaculada que, no culto da Umbanda, se tornou Iemanjá, ou seja a Rainha do Mar. Aí Nossa Senhora da Conceição fica uma só realidade com dois nomes diferentes, o que poderá ser visto como ganho pelos afro-brasileiros, mas um lamentável dano pelos católicos. Bem diferente é, pelo contrário, o caso da aliança. Aí os dois valores de fonte aparentemente diversa não fazem que se juntar e ampliar, se não multiplicar, seu alcance, pois cada um dos dois encontra no outro algo que

vai servir-lhe de fermento para se desenvolver e crescer segundo as possibilidades que guarda no segredo da sua misteriosa origem. Vejamos por exemplo o caso do conceito de ISLÂM que tem o sentido de *abandonar-se nas mãos de Deus* ou de *jogar-se nos braços dEle com total confiança*. Este conceito existe também no cristianismo mas por iniciativa do próprio Deus que, como uma mãe, carrega ao colo seus filhos (Cfr. Is.....). Se inseríssemos o conceito e o termo *islam* na linguagem do universo cristão, poderíamos criar uma situação de efeitos muito positivos. Ao mínimo poderíamos provocar uma certa aproximação entre as duas religiões ou criar uma ponte de intercâmbio de valores entre as duas, tornando-as capazes de se aliar e dedicar juntas ao Reino de Deus. No caso, nenhuma das duas religiões perderia alguma coisa. Pelo contrário ambas ficariam mais fortes e mais capacitadas tanto em derrubar o mal quanto em criar e espalhar o que é bom pelo mundo a fora. Acredito que, ficando aliados, cristianismo e islamismo envolveriam uma metade da humanidade no conseguimento do bem comum, ou seja do Reino de Deus. A coisa seria mais certa também em relação à mensagem bíblica, pois aliança é um conceito que domina a Bíblia inteira e nos empenha em fazer algo que Deus praticou e ensinou, imprimindo no nosso pensar e agir uma caracterização que seria projeção do próprio Deus e de seu projeto. Se Deus costuma fazer aliança com os homens seus filhos, porque seus filhos não deveriam lançá-la entre si em nome de Deus? A respeito desta possibilidade, quem escreve gostaria que a nova missão se chamasse *aliança entre as religiões*.

**01. Mas o homem não é lobo para o homem?** O ditado *homo homini lupus* é do II século antes de Cristo (cfr. Cecílio Stazio, 230-168 a.C.) e refere um parecer muito

afirmado seja na Bíblia (cfr. a história de Caim e Abel, Gn 4, 1-17) como na mentalidade comum. Mas tem que saber que, na mesma trajetória do pensar latino, um outro autor daquela idêntica época, isto é duzentos anos antes de Jesus contar a parábola do bom samaritano, escreveu na pedra um axioma oposto: *homo homini Deus, se suum officium sciat* com o seguinte significado: *o homem é Deus para o homem, se cumpre com seu dever* (cfr. Pacuvio Marco, 230-147 a.C.). A existência de duas opostas afirmações é de grande conforto para a humanidade porque torna possível e legítima a vitória sobre o mal, embora seja sempre possível uma aventura oposta. A tese è ainda mais plausível e desejável se formos de acordo com a visão cristã do mundo toda impregnada de amor ao próximo e de dedicação à justiça. Em todo caso, um grande interprete atual da Bíblia, o carmelitano holandês padre Carlos Mesters, nos insinua que o melhor não está no passado, mas no futuro, não no começo, mas no horizonte final. Todos nós viemos ao mundo com um caminho a fazer, o caminho que nos levará para a vida eterna, na casa de Deus, como ensina a Bíblia. E é para entendermos esta meta final que a Bíblia coloca o paraíso terrestre na sua primeira página. O que está na primeira pagina, diz Carlos Mesters, não indica o que aconteceu, mas o que se encontrará no fim da caminhada. O autor do Genesis devia ser um finíssimo psicólogo, porque, para que alguém se decida a alcançar uma meta, a deve entrever desde logo, desde o momento em que toma consciência da sua razão de ser (Cfr. Carlos Mesters, *Paraíso terrestre, saudade ou esperança?* Ed .....). Uma mensagem antecipadora e provocadora do futuro a ser realizado a encontramos também no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos, lá onde Lucas descreve a descida do Espírito Santo sobre os

que ouviam os apóstolos falar e cada qual os entendia na sua própria língua, isto é na sua própria cultura ou religião (Cfr. At.....). É a partir desta página bíblica de máximo interesse que queremos falar do possível entendimento entre as culturas e religiões, a fim de que se encontrem, dialoguem e decidam o que podem projetar juntas em vista de implantar o Reino de Deus sobre toda a terra.

**02. Valores e limites do saber humano.** Desde logo podemos afirmar, com tranquilidade, que, na cultura ocidental, o desentendimento é mais frequente e mais barato do que o entendimento. As causas de tal fenômeno são muitas e diversas, mas não convém enfrenta-las e esclarece-las agora, pois faremos isso ao longo do caminho. Quem provocou a guerra de Troia com suas consequências devastadoras de um lado e exaltantes do outro? Devastadoras, pelos gregos e troianos que perderam tudo e morreram. Exaltantes e positivas pelas aventuras que levaram Ulisses a se tornar um educador do homem ocidental e fazer com que Eneias se tornasse o iniciador da história e civilização romanas. Mas ao mesmo tempo, a guerra de Troia se tornou como que a matriz de toda a história ocidental, pois ela é marcada, passo a passo, por guerras e destruições de todo tamanho, até o ponto de provocar uma conflagração mundial que, entre 1939 e 1945, matou pelo menos 60 milhões de pessoas. Quem escreve foi testemunha ocular de vários desastres daquela época e lembra tudo como se as coisas tivessem acontecido ontem. Mas qual foi a causa primeira daqueles males incontáveis e irreparáveis? Para entrarmos no coração do problema e achar alguma resposta plausível vamos interrogar dois dos maiores sábios da cultura ocidental: o grego Platão de Atenas (427-347 a. C.) e o alemão prussiano Immanuel Kant (1724-1804). Começando

por Platão, vimos constatar que existe briga e inconciliabilidade profunda entre os homens, pelo simples fato de que a natureza humana é composta de elementos inconciliáveis. Com tal ideia Platão ensina que o mal não está na vontade do homem, mas na sua estrutura constitutiva. O homem é feito de bem e de mal, de alma e de corpo, de espírito e de matéria e levado naturalmente a quebrar-se tanto consigo mesmo quanto com seus semelhantes.

### **03. A importância de superar o dualismo platônico.**

Embora a Bíblia fale de unidade interior do homem, fazendo do corpo e da alma uma só realidade, o dualismo platônico chegou até nós. Em nível popular acrítico não se afirma que água e fogo são inimigos, que quente e frio se eliminam, que marido e mulher não são família mas guerra ou inferno? Bruce Marshall, romancista escocês (1899-1979), pintou brilhantemente a cáustica relação entre marido e mulher. Vendo no trem um homem e uma mulher sentados sobre cadeiras opostas, Marshall observa que os dois se olhavam de maneira tão ferina que só podiam ser marido e mulher. A própria Bíblia diz, de cá para lá, que o dia chega para comer a noite, ou que o dia é luz, graça e vida, enquanto a noite é escuridão, pecado e morte. É nestes casos que se vê que, mesmo não querendo enganar, a Bíblia parece estar de acordo com Platão e prossegue em manter aquele maldito dualismo. Enfim, todo mundo sabe que nas igrejas cristãs o dualismo platônico continua em maneira menos incisiva que no passado mas ainda muito difusa e um tanto acanhada, especialmente na avaliação da sexualidade humana. Mas, graças a Deus, em nível de população mais consciente e iluminada, vão abrindo-se caminhos novos de compreensão e uma maneira mais certa de avaliar as oposições

tradicionais, como alma/corpo, céu/terra, água/fogo, frio/calor ou cristianismo/religiões. Pelo Butantã de S. Paulo, que extrai e coleta o veneno dos reptéis, sabemos que tais venenos poderão virar remédios. E também em nível mais baixo ou menos intelectual, se começa a constatarque, ficando separados, a água e o fogo não se eliminam mas, antes pelo contrário, podem nos ministrar alimentos gostosos. Da mesma maneira, em vez que matar o dia, a noite nos restitui as forças para continuarmos a viver. Um poeta brasileiro, do qual não recordo o nome, em maneira benevolente e satírica expressa, ao mesmo tempo, a possível bondade do veneno como a possível maldade dos remédios. Ele se pergunta sobre o que é o amor e responde: *o amor é o veneno que faz bem e o remédio que faz mal*. Com esta ironia e outras parecidas o próprio povo simples começa a ficar mais consciente da realidade e, finalmente, começa a derrubar o feroz dualismo platônico que, ao longo da história, se tornou também cristão ( cfr. Agostinho, Pascal e muitos outros) e se espalhou tanto na filosofia quanto na teologia. Mas, graças a Deus, no próprio cristianismo devia nascer alguém que teria feito uma certa operação, ensinando que a versão platônica das coisas era falha e devia ser superada. Quem foi este alguém? Não foi nem um papa, ou um bispo ou um padre, mas um filósofo prussiano alemão que praticava escrupulosamente a sua fé numa pequena e contrastada igreja evangélica. Ele se chamava Immanuel Kant (1724-1804) e, com a sua descoberta, hoje poderíamos levar o cristianismo a si entender com as outras religiões.

**04. Kant reduz e endireita o alcance do saber humano.** Por si mesmo, o limite não é uma coisa preciosa. Pelo contrário, o limite é uma interrupção, uma subtração, um empobrecimento, mas no caso da descoberta de Kant, o

limite resultou capaz de gerar uma abertura mental quase milagrosa. Ao tempo de Kant e desde o tempo de Platão, filósofos e teólogos pensavam de poder falar de Deus e dos seus mistérios com clareza, como se Deus fosse um mineral terrestre ou um pássaro da Austrália. Mas, refletindo sobre a maneira com a qual a mente humana percebe as coisas, Kant observou com uma certa autoridade que a mente humana não colhe nem a realidade de Deus nem a realidade das coisas em geral e, quando pensamos Deus, ou qualquer outra coisa desconhecida, não o vemos como ele é, não batemos o retrato dele, mas interpretamos a sua realidade a partir da nossa maneira de viver e dos nossos problemas, a partir da nossa vista um tanto curta e, até, dos nossos gostos e interesses. Na hora, a opinião de Kant acerca do saber humano estourou como um raio ou como uma bomba, mas, com o passar do tempo, foi cada vez mais entendida e respaldada. Hoje, por exemplo, sabemos que cada povo e cada religião vê a Deus partindo da sua cultura e das suas problemáticas. Exemplos: os poderosos povos antigos, tais como os egípcios, os persas ou os romanos, imaginavam que Deus fosse um imperador morando em palácios impenetráveis e circundados por soldados, guardas, ou anjos. Mas os israelitas que queriam fugir do Egito e se libertar da escravidão que os estrangulava, tinham o deserto na frente e imaginavam que Deus fosse uma águia que teria transportado seus filhotes hebreus sobre as asas, fazendo-lhes atravessar o deserto e superar as altas montanhas (cfr salmo.). Ainda hoje, existem na África certas tribos que chamam Deus com o nome de *Água*. Por quê? Porque tais tribos vivem no deserto sem rios e sem lagos e a água do céu cai sobre eles como um Deus que vem salvá-los. Conclusão: após a cura kantiana, o que seria a Bíblia? A

Bíblia seria a interpretação de Deus e do seu agir a partir da consciência e da fé dum minúsculo e aventureiro povo do oriente médio. O que seriam as igrejas cristãs históricas como o catolicismo, a ortodoxia, o luteranismo, o anglicanismo, o metodismo, etc.? Seriam efeitos de diversas leituras ou interpretações da Bíblia. O que seria o islamismo que se choca com o cristianismo do século VII para cá? Seria uma interpretação da Bíblia a partir dos povos árabes e suas histórias atribuladas. O que seriam o hinduísmo, o budismo, o confucionismo e o taoísmo, aquelas fascinantes religiões da Ásia fundadas na palavra sagrada e respeitada de místicos, de monges e de filósofos? Seriam interpretações de Deus e do seu projeto a respeito da humanidade, ou seja, seriam como que paralelos da própria Bíblia. O que seriam as variadas teologias que se encontram, se aliam ou se chocam pelo mundo a fora? Seriam interpretações de Deus a partir de anteriores variadas interpretações da Bíblia. O que seriam o direito canônico, a moral cristã, o catecismo antigo e novo, as encíclicas papais e as doutrinas ecumênicas? Se trataria sempre de interpretações da Palavra de Deus, mas em níveis diferentes, em dependência do assunto e do público ao qual tais disciplinas ou legislações foram destinadas.

**05. As aberturas detectadas por Planck no saber humano.** Embora limitado e endireitado por Kant, o saber humano não parou de nos fascinar. Para Galileu e os teólogos que o condenaram, o mundo era pequeno e quase totalmente visível-uma meia dúzia de bolas (o sol e seus planetas) e alguns milhões de estrelinhas luminosas visíveis somente à noite. Mas para nós, o mundo ou, melhor, o universo é bilhões e bilhões de vezes maior daquele que Galileu contemplava com um binóculo de



uma janela do palácio apostólico, ao lado do papa .....Os meios científicos que hoje temos a disposição nos asseguram que o universo è de tamanho incomensurável, que continua a se expandir à velocidade astronômica e que, do pouco que vemos dele, conhecemos somente o quatro por cento (4%). A parte o fato de que, mais que no passado, há cientistas que conhecem cada vez mais o universo e são cada vez mais tentados de se ajoelhar frente Aquele que o criou, o universo que conseguimos perscrutar nos oferece notícias um tanto aterradoras e explicitamente contrárias a visão platônica que teria enganado a humanidade por mais de XXV séculos. Vejamos somente algumas ideias que o cientista alemão Max Planck (1858-1947), criador da física quântica, nos deixou como testamento a ser aproveitado. **Primeira e mais revolucionária mensagem sugerida pela física quântica de Planck:** a matéria e a energia não são duas realidades opostas e inimigas, como Platão pensava, mas são a mesma realidade vista em dois momentos ou estados diferentes. Uma informação esta que pode revirar todo o conhecimento tradicional. Por quê? Porque matéria e energia não dividem mais a realidade, mas a unificam. E, se no lugar da energia colocássemos o espírito, como alguns teólogos já estão sugerindo, aconteceria o que? Aconteceria o incrível, pois o ser humano (alma/corpo) não seria uma dualidade amarga e indigesta mas uma unidade luminosa e envolvente. Uma unidade sempre afirmada pela Bíblia, mas desconhecida pela filosofia grega. Em suma, após Planck, a matéria e a energia formam uma unidade que pode se repetir com matéria e espírito e com alma e corpo, com consequências exaltantes (ou catastróficas?) para a teologia cristã e as religiões todas. De fato, se matéria e energia são uma unidade, significa que o

universo todo é uma unidade feita de bilhões de partes sim, mas de bilhões de partes que se combinam perfeitamente e nunca mais poderiam brigar, se chocar ou se eliminar uma pela outra. **Segunda mensagem aterradora sugerida pela física quântica:** no universo não há coisas grandes e coisas pequenas, coisas por cima e coisas por baixo, exteriores e interiores, céu e terra, superiores e súditos, engrenagens e engrenados, mas só coisas que se relacionam com o conjunto e respondem por ele. **Terceira mensagem aterradora sugerida pela física quântica:** no universo, o todo é maior do que a soma das partes, porque o sinal básico das coisas que se associam não é o da soma (+), mas o da multiplicação (x). No universo, quando duas coisas juntam suas potencialidades, não ficam somente duas, mas três, cinco, nove ou dez, a causa do sinal multiplicador (x) que aí costuma reinar. Exemplo: pouco a pouco, um grupo de estrelas relativamente modesto chegaria a formar uma galáxia.

**06. Aplicando a intuição de Kant ao conhecimento religioso.** Para nos convencer que Kant poderia ter razão e seria responsável do tão invocado e indispensável pluralismo religioso e teológico, pensemos somente nos sentidos incontáveis do simples termo **palavra**. Dizendo “palavra” podemos estar falando de grito, desespero, chamado, alerta, comando, informação, pensamento, comunicação, testamento, vontade, decisão, proposta, projeto, segredo, parecer, julgamento, prêmio, reprovação, lembrança, agradecimento, carícia, dureza, castigo, pena etc. etc. Enfim, um dicionário, uma enciclopédia, um qualquer livro, um qualquer ofício postal, uma peça de teatro, um filme americano ou uma exposição de publicações em língua russa ou chinesa, o que seriam

todas estas coisas? Seriam somente coleções de tantas, inúmeras e incontáveis palavras, mas coleções que refletem o universo inteiro reduzido ou traduzido em termos lexicais. No nosso caso, contudo, o problema é maior sem dúvida alguma, pois devemos acrescentar ao termo palavra uma especificação cheia de consequências dificilmente contornáveis. Se trata de acrescentar que não estamos falando de uma palavra qualquer, mas da **Palavra de Deus**, então de um acréscimo tal que joga o conceito de *palavra de Deus* numa condição de inesgotabilidade ou infindabilidade. E é precisamente isso que também tornam inesgotáveis e infindáveis as interpretações da *palavra de Deus*, exigindo que o pluralismo teológico e/ou religioso se tornem um dever sacrossanto e indispensável para todas as línguas do mundo e todas as idades da história. Para ser mais claro, da nossa época para frente e por mérito de Kant, nunca mais deveriam existir palavras ou nuances de palavras que levam alguém a ser condenado ou pulverizado, como frequentemente aconteceu nos contextos religiosos, filosóficos ou políticos da história do mundo ocidental.

**07. Aplicando os axiomas de Planck ao conhecimento religioso.** Começamos pelo axioma que diz: *no universo tudo depende de tudo*. Qual o sentido mais palpitante de tal afirmação quântica? O sentido seria múltiplo e infindável, mas é bom nos contentar com o que parece mais essencial. Aquele axioma nos informa que o universo é organizado numa unidade fantástica e encantadora. Numa unidade que nunca poderemos imaginar de maneira concreta e definitiva, pois ela está sempre se desenvolvendo e aperfeiçoando. Dito com palavras correntes, este primeiro axioma quântico nos informa que o universo é sim imenso e infindável, mas é comparável ao

organismo humano ou a qualquer outro organismo vivente por mais complexo e misterioso que seja. Por exemplo, sabemos que as árvores do mato emitem cotidianamente o oxigênio indispensável à vida dos seres vivos do seu ambiente, ao mesmo tempo em que absorvem o gás carbônico, um veneno que mataria todo mundo, mas quem encarregou as árvores de desenvolver tal indispensável serviço? Sabemos que a cor verde é a mais adequada para interessar a vista de homens e animais, mas quem ordenou às árvores de serem verdes e não pretas ou vermelhas como as chamas? Sabemos que as montanhas tornam interessante, variado e mais vivível o panorama do ambiente natural, mas quem encarregou elas de serem tanto altas ao ponto de produzirem gelo e formarem depósitos de água a ser distribuída por anos e anos em regiões distantes e sem fim? Podemos responder que pode ser Deus, mas tudo fica ainda mais claro e mais simples se admitirmos que exista um sistema geral que mantém todas as coisas em perfeita correspondência de partes, de funcionamento e de serviços escrupulosamente coordenados. Enfim quais os ensinamentos que as religiões poderiam tirar da organização tanto detalhada quanto infalível da natureza e do universo? Como mínimo as religiões poderiam se considerar de par direito umas com as outras e igualmente destinadas a produzir a felicidade dos homens nesta vida e na futura. Nem se fale pois da lei quântica que nos quer insinuar que no universo não há o primeiro e o segundo, o alto e o baixo, o por fora e o por dentro, o superior e o inferior, o grande e o pequeno, a engrenagem e o engrenado, mas que todos os seus componentes tem o mesmo valor e a mesma importância. Se imagine qual seria o efeito desta lei quântica se existisse a possibilidade de aplicá-la aos membros das igrejas cristãs. Sabemos que por aí existe

uma hierarquização de pessoas e de funções que dividem a comunidade cristã em dois campos contrapostos e riquíssimos em clamorosas contradições. Não se trata de eliminar as diferenças entre as pessoas ou de querer que as árvores dum bosque fossem todas iguais em tamanho, flores e frutos, mas de fazer com que todos os membros de uma comunidade tivessem a mesma importância ou o mesmo valor e todos pudessem oferecer serviços preciosos e insubstituíveis. Considero legítimo colocar em dúvida a objetividade da diferença ou do abismo que, no coração do cristianismo, existe entre clero e leigos. É um abismo muito bem enraizado no platonismo e na teologia de Dionísio Areopagita (se.VI) e, de fato, não estaria atrasando, desde tempos incontáveis, a caminhada do cristianismo?